

POESIA EM JOGO, O JOGO DA POESIA

Ida Alves
(UFF; CNPq)

38 CÍRCULOS

MAFFEI, Luis. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2010.

Há quem não entenda nada de futebol, nem tenha time do coração, o que se torna caminho fácil para a solidão social numa terra de torcedores apaixonados. Porém, que importa isso numa resenha sobre um livro de poesia recém-publicado, com um título dantesco a referenciar círculos do Inferno? Tem tudo a ver. A começar pelo índice aparentemente inusitado numa obra poética. Não se trata de primeiros versos dos poemas inclusos ou mesmo de títulos convenientemente *líricos*, mas de um tabela de jogos. Explico: arrolam-se como títulos dos poemas placares de jogos de futebol, incluindo a data de sua realização. São 38 poemas, 38 placares, 38 círculos. Jogos talvez inescquecíveis pelas alegrias dadas ou tão terríveis que seria caso de riscá-los para sempre da memória. Um nome é comum a todos os títulos – Vasco – o time luso-brasileiro que tem sua torcida fiel, como o poeta, por exemplo. O livro torna-se assim um diário futebolístico: começa com “Vasco 1 x 0 Brasiliense (09,05,09)” e termina com “Ipatinga 2 x 0 Vasco (28,11,09)”. São, portanto, seis meses de fortes emoções, uma temporada de bola a correr em campo.

Penso nessa relação inesperada entre poesia e jogo de futebol. Num país dito “das chuteiras”, não é de espantar que um poeta nascido em Brasília, mas carioca desde a infância, escreva seus poemas com isso na cabeça. Afinal, jogo também é o poema, com suas regras visíveis ou não, com seus passes (um outro nome para *enjambement...*), impedimentos e, muitas vezes, belos gols executados (as redes do poema vibram...). Não é de espantar. Mas o jogador-poeta, autor de *38 Círculos*, tem uma profissão *séria*: é professor universitário de literatura, de literatura portuguesa. Combina ser vascaíno de coração. Ao final do livro, em “Bandeira à guisa de posfácio”, escreve o poeta:

Na caravela luso-cristã, negros a jogar bola no futebol do Rio de Janeiro. Na caravela pagã (é a mesma), outra fé, outro nome: Vasco

da Gama, o único herói épico (dá voz o poeta ao professor) humanista, menos que herói porque excessivamente humano. Vasco é o nome que se grita, e são muitos os tempos na garganta. Só nossos, do torcedor, do professor e do poeta. Os outros, quase todos, nada disso. Nem para bem, nem para mal, mas nada disso. A diferença. (p. 56)

Se a bola corre de chuteira a chuteira, numa associação de passes, também desse breve perfil acadêmico do poeta passo a outra ideia. Falo de poesia, de literatura portuguesa e invoco outro poeta, português, que igualmente adorava futebol: Ruy Belo. Com ele na cabeça, releio os poemas de Luis Maffei e penso compreender nesses diálogos de futebol e de vida algo da ordem do comum, do cotidiano, do simplesmente humano a caminhar em linha curva para a morte, que Ruy Belo intuía:

Não há arte mais efêmera do que a da palavra [...]. Mas igualmente efêmero é o desafio e mesmo o lance de futebol. O futebol é uma imagem emblemática do tempo que passa, da nossa condição mortal. Tudo o que é humano é mortal, as próprias civilizações o são, embora a Saint-John Perse lhe custe reconhecê-lo. Daí, paradoxalmente, um dos encantos da vida: jogar tudo, arriscar tudo, perder tudo. [...] Tudo morre no futebol: o jogo acaba, a multidão dispersa, o estádio será daí a pouco uma catedral vazia, uma praia abandonada no fim do verão. (BELO, 1984, p. 268)

A poesia de Luis Maffei explora muito bem essa perspectiva e vem, no desafio desse jogo de palavras, mostrando a sua cara e ganhando corpo, tomando fôlego. Neste terceiro livro continua linhas de atenção dos dois primeiros e manifesta um gesto de escrita irônico a lembrar que o poeta é um fingidor das dores de viver, de criar e de ler. Estão aí os poemas a falar de experiências do finito, do convívio humano, do contato de corpos amorosos, dos encontros e desencontros de sujeitos em momentos e espaços urbanos; está atento o poeta-leitor a driblar versos, a cruzar fios de uma cultura poética de língua portuguesa, a torcer pelo Vasco, a lembrar o Vasco da Gama camoniano. Aliás, Camões está muito enredado nesse jogo de poesia, participando de um time de grandes jogadores da palavra como o italiano Dante, o inglês Shakespeare, o brasileiro Manuel Bandeira, os outros portugueses Cesário Verde, Fernando Pessoa, Herberto Helder, Gastão Cruz, Adília Lopes, Daniel Faria, que se encontram também com poetas da música como Beethovem, Piazzola, Schubert, pois de palavras e can-

tos já Ulisses mostrara o jogo da sedução. Talvez, de novo, Ruy Belo tenha mais do que razão ao escrever:

O homem moderno é um homem sem mitos, esses grandes mitos refrescantes de que falava Saint-Exupéry: perdeu Deus, perdeu o ideal de cruzada, perdeu a pátria, perdeu o próprio homem. Por isso tudo lhe serve de mito. [...] O futebol é um mito moderno. Tem de se acreditar nalguma coisa: acredita-se no jogador de futebol, tem-se a mística do clube. [...] O futebol é a epopéia possível hoje em dia. A acção dos heróis será narrada depois pelos modernos poéticos épicos que são os jornalistas desportivos. [...] (BELO, op.cit., p. 268-269.

Por isso, no primeiro livro *A* (2006, p. 83), sigo o poema “Nome de guerra” : “a turma é boa / é mesmo da fuzarca, / a turma: / as armas e os barões, / não, / as armas, às armas: / vermelho é o peito, o sangue / vermelha a cruz / que / carregamos, a turma. / [...] / tu tens o nome que / de coração cantamos / ou / é um berro só / na arquibancada.”. E, no segundo, *Telefunken* (2008), ainda outro poema, “Maracanã, 11.04.2007”: “Se há, / Fernando, / uma metafísica do pênalti / ignoro. / Sei apenas que a vida é adepta de imitar / em noites assim / este jogo que é perfeito mas por / hediondo gesto: vida, morte, / vida e / a metafísica do pênalti.[...]”. Agora, no terceiro livro, o poeta parece testar seu fôlego poético ao buscar o poema mais longo ou poema-prosa, o verso mais elaborado e um tom discursivo mais pronunciado, sem abrir mão do jogo verbal e das imagens inusitadas que, a princípio, enredam o leitor. O diálogo com a cultura literária portuguesa também se manifesta de forma mais evidente, não só por referências diretas como também por explorar formas clássicas excelentemente executadas por Camões, como a sextina que se inicia por “Se fosse só o cansaço desta tarde, / pensava numa nesga em dó de peito, / abriam-se as janelas dos meus sonhos / e solto o pesadelo abria um passo; / cabia um quê de aberta correria, / tornavam a tentativa e o querosene.”(p.44). Leitor fino de poesia (a sua produção ensaística já é suficiente para comprovação), sua linguagem poética é um corpo a corpo com a linguagem de outros poetas e, sem dúvida, há certos interesses líricos que não o deixam como o cantar de amor camoniano, a solidão urbana de Alvaro de Campos, a ironia de Cesário Verde, a busca de uma imagética desconcertante, o cuidado clássico com a matéria do poema, de um lado, e o despojamento lexical, de outro, com oralidade bem carioca. Tudo isso, inteligentemente misturado, dá

à poesia de Luis Maffei um tom contemporâneo em diálogo com fortes tradições da poesia ocidental. Lá vem o primeiro poema:

“Eu que nunca atravessei o / inferno / no lugar do sorriso ponho /
uma nuvem, armas brancas e particulares compreensões de / como
as / coisas podem ser simples / o gesto simples / o homem simples
que talvez ao inferno eleja à / sepultura. / Não eu. / Simples seja a
notícia o / caminho simples o / primeiro passo o / pesadelo.” (p.11)

Do lírico ao futebol, portanto, um salto, um desafio. Para quem é torcedor apaixonado, não deve ter sido fácil aguentar o jogo que, em 07/12/2008, ao término do campeonato brasileiro, acabou provocando o rebaixamento do time Vasco da Gama pela primeira vez na sua história. Iniciou-se aí um período infernal, num jogo a jogo sofrido, em círculos de dor, apreensão, e silêncio, até que em 07/11/2009, contra o time Juventude, a vitória garantisse de novo o acesso à primeira divisão. E em 13/11/2009, vencendo o América, o Vasco garantiu o título da série B – 2009. Toda essa história, os poemas acompanham. Do inferno ao paraíso, foram 36 círculos. Mais dois círculos de derrota, mas estes já não pesaram muito. O índice é, assim, uma narrativa dantesca para um coração vascaíno. E a vida ou o jogo da escrita?

Os poemas sabem contornar essa história de queda e nos mostrar mais. O sujeito lírico tem um olho na bola e outro na mão e vai percorrendo o campo do viver com a mesma energia daquele que mira o gol do outro lado. Sabe, ao modo camoniano, *errar* pelo campo, *errar* pelo discurso, pelos poemas. O sujeito “estranha”, “desconfia”, “suspeita” mas continua a “cuidar do excesso”, a soltar o grito, o berro, na partida de cada dia. O jogo é então alegoricamente a vida, passos, passes, corridas, derrotas, emoção à flor da pele.

Mentira que perdi, perdi
meu tempo atrás de um
posto de gasolina ou diante de
pouca gente a me escutar dizer
poemas de que gosto, tanto gosto,
mentira que perdi o medo, não me
perde, pedi ao que acredito, a ti,
que a fé não perco, um frio que me
desse umas polainas e caminhas de
silêncio até dizermos chega, não

de nós, de nós não chega, mas de dizer
chega de dizer até que
chega. Perdi não, nada
me perdes, nada é nada enquanto
há sal e metros de tecido em vão
com as horas, nada é tudo e tudo
ganha o dia e besta em torno aos
pés voando, à pele de outra
marca, mentira o que me
dizem, que perdi, perdi foi sangue mas
transfundes, sei, trans-
fundes.

Sem ti não há mergulho nem piscina.
(p.38)

O poeta diz a perda, diz a morte, lança o olhar dos sonhos e escreve a poesia que lhe dá prazer, que arpeja sua pele. Só o tempo dirá se conseguirá atravessar todos os círculos e chegar ao seu paraíso. Mas talvez o inferno seja melhor fonte de criação / provocação... Uma coisa é certa: é um poeta que sabe que o futebol é um espetáculo que, “tem o condão de reunir multidões, de desencadear o entusiasmo, o furor, a paixão, o abatimento.” (BELO, 1984, p.267). Troquemos futebol por poesia e estaríamos falando talvez do poeta épico com a matéria gloriosa nas mãos. Contudo, hoje, o que o poeta de *38 Círculos* tem é o cotidiano NÃO (salve, Cesariny!) e é percorrendo esse trajeto na contramão, comum e mesquinho, que joga para frente a bola do poema. Ao leitor caberá ou não o grito de gol.

REFERÊNCIAS

- BELO, Ruy. *Obra poética de*. Org. e notas de Joaquim Manuel Magalhães e Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1984.
- MAFFEL, Luis. *A*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2006.
- _____. *Telefunken*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2008.